

Em Manaus, o início da campanha de Collor.

Ele desfilou em carro aberto e fez comício, abrindo os palanques nesta campanha presidencial. E falou em um governo acima de partidos e ideologias. 295

"Uma McLaren ajustadinha." Assim Fernando Collor de Mello, candidato do PRN à Presidência, se definiu ontem no seu primeiro teste de rua. Exageros à parte, foi inevitável reconhecer que durante as três horas em que percorreu sete bairros populares da capital amazonense, visitou a Assembleia Legislativa e a Câmara dos Vereadores, preparando-se para o seu comício à noite — que ele esperava terminar antes do início do jogo entre Brasil e Peru —, Collor empolgou uma confusa mistura de eleitores: ricos, nos seus carros do ano; miseráveis, em casa de palafita; militares, em uniformes do Exército e da Aeronáutica; e políticos dos diversos partidos que se dispuseram a ouvir a repetição de seu discurso moralizador e por uma "unidade nacional, acima dos partidos e das ideologias".

Em cima de uma camionete, Collor tirou o paletó e, ao contrário de uma McLaren, desfilou vagarosamente pelos treze quilômetros de sete bairros populares de Manaus. Gastou uma hora no percurso, seguido por um número não muito grande de carros, mas chamando às ruas e às janelas grupos de entusiastas: uns acenavam, outros levantavam e esmurravam o ar e um terceiro grupo, diminuto mas decidido, desaprovava. Por três vezes, Collor ouviu os gritos de "Brizola" e "Lula".

Suando em bicas, o ex-governador alagoano chegou à Assembleia Legislativa. Recusou um lenço para enxugar o suor, evitou o copo d'água e disse que não pretendia descansar. Em meio a um amontoado de pessoas, deu sua primeira entrevista coletiva. Mais um tumulto, um discurso no plenário, lamentando que "o Brasil tenha caído nas mãos de quem não tem capacidade nem dignidade" para governar e mais correria pelo centro da cidade. Saiu a pé para visitar a Câmara dos Vereadores e novamente atirar contra os "marajás": "Vou caçá-los por todo este Brasil".

Saiu dali para a casa do empresário Humberto Cauderaro, proprietário do jornal **A Notícia**. Contabilizou suas andanças pela cidade e arriscou um palpite para o comício da noite: "Se tivermos dez mil na praça está bom".

Não à Fiesp

Ao repetir ontem que, se eleito, pretende governar "acima dos partidos e das ideologias" rumo ao parlamentarismo, o candidato do PRN à sucessão presidencial garantiu que "não quer e não aceita" o apoio da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp). "Eu já disse isto ao Mário Amato", observou.

Collor acha que o presidente terá a última chance de realizar a unidade nacional para tirar o País da crise. E, para isso, "não pode ser tutelado por partidos ou setores econômicos". Os empresários, na sua opinião, sempre olham para os políticos como se fossem mendigos pedindo dinheiro para a campanha em troca da defesa dos seus interesses. Este tipo de apoio, Collor diz que "não aceita, pois o grande empresariado não quer negociar, quer estabelecer tutela".

Um repórter observou que ele sempre foi visto como o candidato do empresário Roberto Marinho, presidente da **Rede Globo** e conhecido como tutelador de políticos. Collor respondeu que o candidato de Roberto Marinho é Jânio Quadros e não ele. "Aliás, eu gostaria de ser candidato do Marinho, do Adolfo Bloch (**Rede Manchete**), do João Saad (**Rede Bandeirantes**) e do Sílvio Santos (**SBT**), para poder ter espaço na tevê e defender a unidade nacional."

Ele reconhece que com seu pequeno PRN não teria a mínima condição de governar, mas considera que nenhum dos outros candidatos terá. "Esta é uma tarefa tão complicada que não poderá ser realizada por grupos ou setores da sociedade. Acho que o Congresso será suscetível a este tipo de chamamento."

Hoje, Collor estará em Boa Vista, capital de Roraima, em mais uma etapa de sua "campanha nas ruas". No aeroporto, ele fala à imprensa, seguindo para o ginásio de esportes Hélio Campos, onde vai falar para uma platéia prevista de três mil pessoas. Almoça na cidade e retorna a Manaus, por volta das 14 horas. **Roberto Stefanelli/AE,**

enviado especial



Fotos: Ricardo Chaves/AE



Collor em Manaus, abraçou eleitores de todos os tipos, com direito a passeio em carro aberto e a certeza de que governar só com o seu partido não será possível. "É uma tarefa tão complicada, que está acima dos partidos e das ideologias". 296

